

DAIANA NASÁRIO DE ALENCAR

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM CLASSE HOSPITALAR: QUESTÕES
METODOLÓGICAS?**

Brasília-DF

2013

DAIANA NASÁRIO DE ALENCAR

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM CLASSE HOSPITALAR: QUESTÕES
METODOLÓGICAS?**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em licenciatura do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes de Brasília.

Orientadora: Prof^a MA. Mariana Bertelli Pagotto

Brasília-DF

2013

A Deus, que é digno de toda honra e glória, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, que possibilitou meu ingresso na universidade diante de situações adversas e deu inspiração nos momentos mais difíceis da vida acadêmica. À minha família, por todo o apoio oferecido. Ao Núcleo de Vida Cristã (NVC), que em muitas situações foi o oásis em meio ao deserto, ajudando a tomar a decisão mais importante da minha vida. À professora Mariana Pagotto, que com profissionalismo orientou esse trabalho. Às professoras Adriana Arantes, Caren Sarres e Sandra Lima, por colaborarem com a construção desse trabalho e pensar no ensino com qualidade nas classes hospitalares. A todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	6
INTRODUÇÃO: CAMINHOS EDUCACIONAIS	7
I. METODOLOGIAS DO ENSINO DE ARTES VISUAIS	9
II. A LEGITIMAÇÃO DO ENSINO EM CLASSE HOSPITALAR.....	14
III. ESTUDO DE CASO: O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM CLASSE HOSPITALAR	20
CONCLUSÃO.....	24
IMAGENS	27
ANEXOS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. Classe hospitalar do Hospital Regional de Taguatinga (HRT)	27
Figura 2. Classe hospitalar do HRT	27
Figura 3. Espaço de exposição dos trabalhos artísticos dos alunos do HRT.....	27
Figura 4. Montagens com peças de <i>LEGO</i> feitas pelas crianças do HRT	27
Figura 5. Manual de montagens do <i>LEGO Education</i>	28
Figura 6. Área externa da classe hospitalar com parque para as crianças do HRT	28
Figura 7. Classe hospitalar do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN)	28
Figura 8. Crianças em atividade na classe hospitalar do HRAN.....	28
Figura 9. Atividade realizada pelos alunos da classe hospitalar do HRAN	29
Figura 10. Área externa da classe hospitalar do HRAN.....	29
Figura 11. Atividades enviadas pela escola ao aluno do atendimento educacional hospitalar do HRAN.....	29
Figura 12. Avaliação enviada pela escola ao aluno hospitalizado no HRAN	29

INTRODUÇÃO: CAMINHOS EDUCACIONAIS

Na contemporaneidade, espaços fora da sala de aula tradicional estão sendo reconhecidos como ambientes educacionais. O hospital é um exemplo tímido dessa realidade. Pouco reconhecido, o atendimento educacional ao aluno hospitalizado já se encontra assegurado por diversas leis que serão explanadas adiante. Juntamente com a introdução da educação em outros espaços, o professor precisa estar preparado para as novas realidades educacionais, estabelecendo metodologias que incentivem os alunos a estudar, considerando as suas necessidades individualizadas.

A definição de métodos de ensino não pode ser inflexível à realidade do aluno que precisa ter seus interesses atendidos. No contexto hospitalar, o professor precisa estar atento quanto aos diversos fatores que podem interferir em sua metodologia de ensino. É fundamental ter consciência de que o estudante hospitalizado, devido ao estado clínico, pode enfrentar situações difíceis que interferem diretamente no seu desenvolvimento educacional. A sensibilização do professor é um importante fator nesse processo, reconhecendo particularidades em meio à diversidade de cada estudante. Em *Pedagogia da Ternura*, Luiz Schetinni Filho, referência em psicologia da educação afirma que:

A tarefa de educar ou ensinar dificilmente chegará a bom termo sem que estejamos dispostos a perscrutar as características do aprendente. Para isso precisamos desenvolver a sensibilidade de perceber e sentir a condição particular de cada pessoa com quem trabalhamos no processo educativo. (SCHETTINI, 2010, p.18).

Como o hospital é associado à dor e ao padecimento, o arte/educador necessita reconhecê-lo como um ambiente educacional e adentrá-lo a fim de contribuir criativa e educacionalmente. O docente tem a possibilidade de envolver o estudante em atividades que podem ou não estar relacionadas à sua rotina escolar, tirando o foco do aluno de seu estado clínico, para que ele consiga manter uma melhor qualidade de vida hospitalar. Apesar da criação de novos espaços educacionais, o professor de disciplinas específicas do currículo escolar enfrenta dificuldades em assumir sua posição de educador nesses ambientes. No atendimento educacional hospitalar, o pedagogo fica responsável por coordenar as atividades nesse espaço. Desse modo, o arte/educador é impossibilitado pela lei de oferecer o ensino específico de artes em classes hospitalares.

Sobre o ensino de arte, serão estudadas questões referentes às metodologias que podem ser utilizadas no ambiente educacional hospitalar, favorecendo o desenvolvimento dos

alunos nele atendidos. Os métodos aplicados no ambiente hospitalar pelo educador abrem espaço para uma cadeia de possibilidades criativas que surgem durante o processo de ensino.

I. METODOLOGIAS DO ENSINO DE ARTES VISUAIS

A utilização de metodologias no ensino-aprendizagem é extremamente necessária para que o docente tenha meios de atender as prioridades educacionais. A escolha de métodos a serem utilizados com os estudantes é um processo que deve ser feito com rigor, já que influenciará fortemente nos resultados finais do processo educativo.

No *Dicionário de Filosofia*, o filósofo italiano Nicola Abbagnano designa significados diferentes para o termo metodologia. Segundo ele:

Com este termo podem ser designadas quatro coisas diferentes: 1ª lógica ou parte da lógica que estuda os métodos; 2ª lógica transcendental aplicada; 3ª conjunto de procedimentos metódicos de uma ou mais ciências; 4ª a análise filosófica de tais procedimentos. (ABBAGNANO, 2003, p.669).

Abbagnano especifica que o método possui dois significados fundamentais. São eles: “qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa” com “uma técnica particular de pesquisa” e um “procedimento de investigação organizado, repetível e autocorrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos” (ABBAGNANO, 2003, p. 668). Dessa forma, pode-se dizer que metodologia é o estudo dos métodos adequados para se alcançar o conhecimento pretendido em determinada área de conhecimento.

Conforme o texto *Metodologias para ensino e aprendizagem de arte*, adotado no curso para docentes da Universidade Estadual Paulista, a metodologia deve levar em consideração a integração de vários fatores, que se complementam para formar o método apropriado aos objetivos almejados. De acordo com o texto, metodologia do ensino em artes:

[...] é um todo integrado por nossa concepção de arte, educação e de sua relação; pelo conteúdo escolhido pelo professor; pelas condições objetivas de trabalho; pelos objetivos. Metodologia é o todo desse conjunto e também uma de suas partes, em ação contínua às outras que o integram. Podemos entendê-la como um organismo, viável se compreendido na articulação e interdependência entre as partes que o compõe. (UNESP, 2012, p. 27).

Para definir o uso de determinada metodologia, o professor deve estar atento a vários fatores que de algum modo afetam a ação educativa, tais como o ambiente educacional em que está inserido, as condições físicas e sociais dos alunos, entre outros.

Maria Heloisa Ferraz e Maria Fusari (2010), que fizeram parte do grupo de elaboradores dos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*, publicado em 1999 pelo Ministério da Educação, apresentam os métodos

da educação escolar em artes como os caminhos traçados para alcançar a aprendizagem artística e estética, chegando ao conhecimento da arte. As autoras apontam os pré-requisitos para o professor que se preocupa com a experiência cultural/artística dos estudantes.

O professor deve identificar a realidade social e cultural vivenciada pelos alunos com relação aos aspectos artísticos, estéticos e históricos, averiguando o que conhecem e trabalhando com aquilo que não sabem. O docente que trabalha com temas de interesse dos alunos acaba por chamar a atenção dos mesmos, fazendo com que eles correspondam às atividades sugeridas.

Para desenvolver um bom trabalho de Arte o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos. Conhecer os estudantes na sua relação com a própria região, com o Brasil e com o mundo é um ponto de partida imprescindível para um trabalho de educação escolar em arte que realmente mobilize uma assimilação e uma apreensão de informações na área artística. (FERRAZ e FUSARI, 2010, p. 71).

A classe hospitalar, que será explicada em detalhes mais à frente, é um espaço educacional, incluído no ambiente hospitalar, com o propósito de oferecer a continuidade dos estudos aos alunos que estão hospitalizados e tem sua rotina escolar modificada. O atendimento educacional hospitalar exige do educador a flexibilidade das atividades a serem realizadas com os alunos. Desta forma, o professor precisa estabelecer métodos variados para alcançar seus objetivos. Ao sair da sala de aula convencional, a metodologia utilizada para adquirir o conhecimento é adaptada à nova realidade e aos novos contextos.

Lúcia Regina Goulart Vilarinho (1985), doutora em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresenta três modalidades básicas de variedades metodológicas de ensino regular: Método de ensino individualizado, método de ensino socializado e método de ensino sócio/individualizado. No método de ensino individualizado o processo de ensino-aprendizagem é baseado nos interesses particulares do aluno. O professor trabalha individualmente com os interesses de cada indivíduo, independente dos demais estudantes. O método de ensino socializado constrói a aprendizagem a partir do interesse do grupo. É importante ressaltar que cada aluno contribui na construção do conhecimento, compartilhando o mesmo entre si. O método de ensino sócio/individualizado é a junção dos dois métodos anteriores. O professor deve estar atento às questões do grupo, considerando os interesses individuais de cada estudante. Nesse método a aprendizagem é ampla por serem levadas em consideração as peculiaridades de cada indivíduo sem deixar de lado a opinião dos alunos (VILARINHO, 1985, p.52).

Incluídas nas modalidades básicas de variedades metodológicas, Vilarinho cita técnicas para que o educador tenha a possibilidade de alcançar os objetivos pretendidos. Entre tais técnicas estão as aulas expositivas, os estudos de caso, o estudo dirigido, o painel, as narrativas autobiográficas e as aulas práticas. As Aulas Expositivas (Exposição oral/palestra) acontecem quando o conteúdo é organizado em fichas, anotações ou slides. Nesse processo o professor expõe as ideias e o aluno anota o que for relevante. É importante considerar que nesse método o estudante pode contribuir com sua participação quando o professor abre espaço para um debate. Nos Estudos de Caso o professor seleciona exemplos de casos relacionados ao estudo e constrói o debate junto aos alunos. A vantagem desse método é a fácil visualização do tema abordado, colaborando com a aprendizagem. Os Estudos Dirigidos ajudam os estudantes a desenvolver uma investigação do conteúdo proposto, tirando suas próprias conclusões. Nesse caso, a aprendizagem é individualizada, mas pode ser compartilhada entre os alunos se o professor promover um debate sobre o assunto. O Painel é importante para que os alunos apresentem ideias que serão discutidas durante a aula, partindo do tema solicitado pelo professor. Esse método ajuda a sintetizar ideias básicas do conteúdo, podendo gerar conversas enriquecedoras. As Narrativas Autobiográficas possibilitam que o estudante apresente seus referenciais de vida e, conseqüentemente, sua formação de identidade. Esse método colabora com a socialização do aluno no meio educacional ao qual está inserido, facilitando a ação do professor nos pontos que precisam ser explorados, como por exemplo, nas dificuldades em determinados conteúdos escolares ou nos problemas de relacionamento interpessoal. As Aulas Práticas exigem um aparato material para sua realização. O aluno tem a oportunidade de expor o conhecimento teórico aprendido através do trabalho prático. Com a produção de trabalhos dos estudantes o professor pode avaliar a associação da teoria com a prática (VILARINHO, 1985, p. 52).

Os métodos apresentados por Vilarinho estabelecem formas variadas de o professor fazer com que o aluno se interesse pelo que está sendo trabalhado nas aulas, mas em casos específicos é possível haver rejeição do estudante. Em determinados espaços educacionais, a metodologia utilizada pode não funcionar, por isso a necessidade de estar atento para que o ensino não seja prejudicado devido à escolha incorreta do método de ensino. O professor precisa estar constantemente atento com relação ao desenvolvimento das aulas para que consiga atender aos seus objetivos e aos dos alunos.

Ana Mae Barbosa, doutora em *Humanistic Educacion* pela *Boston University* e atuante na área de arte/educação, apresenta a Abordagem Triangular com três pontos chaves que

contemplam o ensino da arte. São eles: o fazer artístico, a leitura de imagem e a história da arte. O fazer artístico foca no processo criativo do aluno que exerce seu potencial expressivo na arte. Na leitura de imagem, o estudante aprende a interpretar trabalhos artísticos. O processo de observação deve ser prazeroso e analisa os principais pontos da obra. O aprendizado sobre a história da arte se faz através da análise dos trabalhos artísticos. O estudo de arte na abordagem triangular é construído com a junção dos fatores citados para que a compreensão seja ampla e o aluno tenha maior proximidade e entendimento com o universo artístico.

Consoante Analice Pilar e Denyse Vieira (1992, p.10), a abordagem triangular não é um método, mas é utilizada nas artes visuais como meio de domínio pleno do conteúdo. Surgiu do sistema *Disciplined Based Art Educacion (DBAE)*, que objetiva ensinar artes partindo de quatro pontos: o fazer artístico, a história, a crítica e a estética da arte. Esse modo de ensino baseia-se em sentir a obra de arte, compreendê-la na sua dimensão histórica, apreciá-la esteticamente, analisá-la e assim refletir sobre ela com espírito crítico.

No livro *Arte e didática*, pertencente à Coleção Como Bem Ensinar, formado pelo conselho autoral da Escola Fundamental caminhos do Saber do Rio de Janeiro, a autora Simone Selbach (2010, p. 33), afirma que, para que o aluno compreenda melhor a arte, é preciso promover uma articulação entre as diferentes modalidades artísticas, a ação do artista, os objetos e as obras de arte e sua história na transformação da realidade em que vive. O docente pode dispor de metodologias tradicionais ou contemporâneas no ambiente educacional para alcançar esse objetivo. Segundo a autora, no modo tradicional de ensino o conteúdo conceitual é apresentado integralmente ao aluno de forma pré-organizada por terceiros e o professor difunde as informações e imposições de normas e convenções exteriores que chegam prontas e devem ser memorizadas. O envolvimento do aluno é desnecessário por prejudicar a ordem da sala de aula: apenas o professor fala. Com relação às competências, elas inexistem. A concepção da aprendizagem depende apenas do docente, que também assimila conteúdos ao invés de construí-los.

Ainda segundo Selbach (2010, p. 36,37), o professor que utiliza metodologias contemporâneas ajuda o estudante a confrontar e ressignificar informações importantes a partir de experiências pessoais e das regras sociais existentes. O diálogo é essencial para o bom andamento da aula, ensinando o aluno a ouvir e a respeitar opiniões diferentes da sua. A conversa deve ser significativa e centrada no conteúdo, buscando construir hipóteses. As

competências e habilidades passam a ser exploradas quando o estudante é instigado a perguntar, responder, refletir, contextualizar, pesquisar e argumentar. A aprendizagem é construída com o aluno, utilizando linguagens e estilos específicos quando necessário.

Atualmente, o ideal é que o aluno seja colocado no centro do processo de ensino-aprendizagem. Ele passa a construir o conteúdo junto ao professor e aos demais estudantes. Infelizmente isso não é uma realidade presente nos ambientes educacionais, por consequência de alguns fatores, tais como os métodos ou a ausência dos mesmos escolhidos pelo professor, sua forma particular de ensino, a não disponibilização de materiais adequados para a realização da aula, entre outros fatores. Se o que é idealizado fosse realidade no processo educativo, o estudante teria a oportunidade de debater assuntos diversos de acordo com seus interesses e as aulas deixariam de ser maçantes. Ao se pensar na ampliação dos ambientes educacionais, percebe-se a importância da adaptação dos métodos a esses espaços e a preocupação em aplicar um ensino efetivo que considere o aluno como ser participativo e que possui direitos assegurados pela lei a uma educação com qualidade.

II. A LEGITIMAÇÃO DO ENSINO EM CLASSE HOSPITALAR

O direito à educação é assegurado a todos e visa o desenvolvimento pleno do indivíduo, o preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação profissional, como consta no Art. 205 da Constituição Federal de 1988. É dever do Estado e da família garantir o acesso à educação, que deve ser incentivada e promovida com a colaboração da sociedade (BRASIL, 1988).

O Art. 214 da Constituição Federal assevera a universalização do atendimento escolar e a melhoria da qualidade do ensino pelo poder público, em diversos níveis, etapas e modalidades do ensino. Assim, o aluno que se encontra hospitalizado tem o direito ao atendimento educacional na classe hospitalar, já que a mesma está incluída no Ensino Especial, que faz parte das modalidades de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), Art. 5 e Art. 23, afirma que o Poder Público é obrigado a garantir formas de acesso para que a aprendizagem seja efetiva e atenda às necessidades educacionais. A Educação Básica poderá ser organizada em períodos semestrais, em ciclos (alternância regular de período de estudos), em grupos não seriados com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização.

A LDB coloca a obrigatoriedade do poder público de oferecer meios de continuação aos estudos àqueles que não podem ir à escola. Nesse contexto, surge a classe hospitalar, que oferece atendimento às crianças e aos jovens hospitalizados, para que seu processo educativo não seja interrompido. O Ministério da Educação junto à Secretaria de Educação Especial elaborou o documento intitulado “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e orientações”, que regulariza o atendimento educacional em ambientes hospitalares. Segundo tal documento:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p. 13).

A classe hospitalar surge como ambiente educacional, ajustando-se à nova realidade em que se encontra o aluno que não pode ir à escola no período no qual está hospitalizado. Com relação a esses estudantes o documento afirma que:

O alunado das classes hospitalares é aquele composto por educandos cuja condição clínica ou cujas exigências de cuidado em saúde interferem na permanência escolar ou nas condições de construção do conhecimento ou ainda, que impedem a frequência escolar, temporária ou permanente (BRASIL, 2002, p. 15).

A promulgação da Constituição Federal de 1988 fez com que os direitos da criança fossem assegurados, garantindo o atendimento educacional no espaço hospitalar¹. Quando a lei estabelece que a criança em idade escolar necessita dar continuidade à sua escolarização, o hospital passa a ser reconhecido como um espaço que pode conter um ambiente educacional.

O objetivo da classe hospitalar é que o estudante retorne à sua escola de origem sem defasagem no ensino, evitando problemas como reprovação, abandono ou desmotivação nos estudos. Conforme afirma Eneida Simões da Fonseca, pedagoga especialista em Desenvolvimento e Educação de Crianças, o aluno hospitalizado sofre por estar doente e faltar as aulas, agravando as dificuldades educacionais que possuía antes de sair da escola. Esses fatores podem interferir na imagem que o aluno tem de si, afetando sua autoestima e conseqüentemente o desenvolvimento físico, social e intelectual (FONSECA, 2008, p. 33).

Introduzir o ensino de artes visuais no contexto hospitalar, com tamanhas especificidades, é desafiador para o educador, pois esse ambiente exige uma postura sensível. É necessário a flexibilização de metodologias para que o aluno venha a participar das atividades propostas e a observação do seu estado clínico, que pode interferir na permanência do estudante na classe hospitalar. Nas palavras de Fonseca:

Na escola hospitalar, cabe ao professor criar estratégias que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem, contextualizando-o com o desenvolvimento e experiências daqueles que o vivenciam. Mas, para uma atuação adequada, o professor precisa estar capacitado para lidar com as referências subjetivas das crianças, e deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar. (FONSECA, 2008, p. 30).

1. De acordo com a colocação de Armando C. Arosa e Rosana Ribeiro, a promulgação do direito ao atendimento educacional hospitalar faz parte dos direitos da criança e do adolescente. Segundo os autores: “Parte desse processo se reflete, ainda, na edição da Resolução nº. 41. de 31 de outubro de 1995 - CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) – que dispõe sobre os amplos direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Neste instrumento, a ação educativa hospitalar ganha mais força e visibilidade, aparecendo no cenário nacional com status de obrigação legal. Isto coloca a ação educativa no hospital como parte de uma série de transformações pelas quais o Brasil vem passando na tentativa de colocar a educação e a saúde como direito de todos/as cidadãos/ãs. Esse texto prevê que toda criança hospitalizada tem direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar.” (AROSA e SCHILKE, 2008, p. 24).

O aluno hospitalizado não está incapacitado de estudar. A sua condição de internação apenas não permite que frequente a escola por determinado tempo, mas o interesse em aprender permanece. Quanto a esse fato Fonseca faz a seguinte colocação:

A criança hospitalizada, assim como qualquer criança, apresenta o desenvolvimento que lhe é possível de acordo com uma diversidade de fatores com os quais interage e, dentre eles, as limitações que o diagnóstico clínico possa lhe impor. De forma alguma podemos considerar que a hospitalização seja, de fato, incapacitante para a criança. Um ser em desenvolvimento tem sempre possibilidade de usar e expressar, de uma forma ou de outra, seu potencial. (FONSECA, 2008,p. 17).

O desejo de aprender permanece na pessoa hospitalizada, mas ela pode estar desmotivada devido à sua condição. No contexto do ensino de artes visuais, assim como no das demais disciplinas, o professor do atendimento educacional hospitalar precisa elaborar atividades que levem em consideração a idade e a série do aluno. É necessária uma observação por parte do docente, considerando o estado clínico e, adequando o estudo às condições hospitalares e educacionais do estudante.

Os estudantes do Distrito Federal são amparados pela Lei nº 4.927/2012, que trata do direito da criança e do adolescente ao atendimento pedagógico e escolar na classe hospitalar (BRASIL, 2012).² A Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, junto com a Secretaria de Saúde, firmou um convênio para que crianças e jovens hospitalizados recebessem acompanhamento escolar no hospital. Esse convênio foi estabelecido nos primeiros anos da fundação de Brasília, mas o que se percebe com o passar dos anos é que ainda não são todas as unidades hospitalares da cidade que possuem o atendimento educacional hospitalar implantado.

No Distrito Federal, o Ensino Especial é oferecido para estudantes com deficiência, transtorno global de desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação. O ensino acontece em turmas de atendimento exclusivo, em Centros de Ensino Especial, além de outros locais, como a classe hospitalar. O objetivo é que os alunos que se enquadram nesses grupos tenham as mesmas oportunidades que os demais estudantes com relação ao acesso e à permanência escolar. O Ensino Educacional hospitalar está incluído na Educação Especial, devido às condições de saúde que se encontra o aluno, de modo que o estudante que necessita

2. O art. 1º da lei nº 4.927 de 30 de agosto 2012, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal, especifica que cabe à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal efetuar o atendimento lúdico e pedagógico, mediante o regime de classe hospitalar para crianças e adolescentes do ensino fundamental e ensino médio que mantenham condições físicas, intelectuais e emocionais para as funções inerentes ao processo de ensino-aprendizagem.

desse atendimento tem as atividades educativas adaptadas às suas necessidades, assim como acontece com os demais alunos do Ensino Especial.

A Educação Especial tem os mesmos objetivos da educação tradicional. A diferença está no atendimento: naquela é feita de acordo com as diferenças individuais do estudante. O aluno pertencente a esse grupo tem necessidades específicas que precisam ser levadas em consideração para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem. O estudante hospitalizado se encontra em situação semelhante, pois necessita de auxílio para dar continuidade aos estudos. Segundo Fonseca (2008), possuindo ou não alguma necessidade especial permanente, todos os alunos precisam de atenção específica em determinadas situações de vida. Ao ficar doente, qualquer ser humano pode ter que passar por uma série de adaptações. A doença, por mais simples que seja, acaba limitando o indivíduo, privando-o de acessar determinados espaços, restringindo sua alimentação, etc. Mudanças simples na rotina diária, já classificam o estudante como aluno com necessidades especiais em um contexto específico.

As práticas exercidas no Ensino Especial como, por exemplo, inclusão, socialização, entre outras, precisam ser trabalhadas na educação hospitalar para que o aluno se torne íntimo do ambiente ao qual se encontra, aceitando sua nova realidade. A inserção pode acontecer com a utilização de métodos variados, como a socialização do aluno através de atividades lúdicas com outros integrantes da classe hospitalar. É preciso considerar a cooperação que deve existir entre professor, aluno, família e os profissionais da saúde, para que uma relação de confiança seja desenvolvida. Assim, atividades que estimulam o desenvolvimento e a aprendizagem podem ser aplicadas com menor chance de rejeição do estudante.

Quando os interesses dos alunos são considerados, o ensino educacional hospitalar em artes visuais pode proporcionar experiências significativas, como pinturas, desenhos entre outros trabalhos artísticos. O hospital pertencendo diretamente à área da saúde não interfere nas possibilidades artísticas que podem ser desenvolvidas nesse espaço, ao contrário, o educador pode transformá-lo em um ambiente potencialmente artístico, não desconsiderando a importância dos demais conteúdos do currículo escolar.

Segundo os autores do livro *Arte e Didática* (2010), o ensino de artes não se destaca acima das outras disciplinas, mas se iguala a elas. A arte favorece a percepção de semelhanças e diferenças entre as culturas, tempo e espaço, assunto que constantemente é abordado com os estudantes. Tais características se configuram como um conhecimento extremamente importante na formação escolar do aluno.

Aurora Ferreira (2011) afirma que as práticas artísticas por muito tempo foram consideradas apenas como atividades importantes para a recreação, expressão criativa ou treino de habilidades motoras, mas a partir da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais³, a arte passa a ser apresentada como área de conhecimento que precisa ser estudada como as demais áreas do currículo escolar.

[...] as mudanças ocorridas no ensino de artes nos levam a perceber que a arte passa de uma simples atividade recreativa ou auxiliar de outras disciplinas a ter conteúdo próprio. Ela é construção do conhecimento, na medida em que o aluno deverá pesquisar obras de artes visuais, biografias de artistas e movimentos artísticos, culturas regionais, nacionais e internacionais; reconhecer e compreender concepções estéticas presentes na história das culturas e etnias; e educar o olhar para ler as imagens artísticas, e, assim, ter maior compromisso com a cultura e a história. (Ferreira, 2011, p. 26 apud BARBOSA, 2002).

O ensino de arte ganha importância junto às demais disciplinas, revelando a necessidade de o aluno ter esse conteúdo trabalhado por um profissional habilitado, como deveria acontecer, na classe hospitalar, com todas as disciplinas do currículo escolar.

A partir do momento em que o aluno necessita de acompanhamento educacional no hospital, deve-se ter consciência de que o ensino tem que abranger todas as disciplinas do currículo escolar. Em entrevista com a pedagoga Caren Sarres, responsável pela classe hospitalar do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), foi relatado que os alunos costumam receber de suas escolas de origem atividades relacionadas com a língua portuguesa e matemática, devido à importância atribuída a elas. As demais disciplinas ficam em segundo plano, já que não são vistas com a mesma importância. Em poucos casos, o aluno recebe, na classe hospitalar, atividades relacionadas a todas as disciplinas do currículo escolar.

A inserção dos conteúdos escolares no atendimento educacional hospitalar deve acontecer de forma igualitária, uma vez que o aluno tem esse direito assegurado pela lei. O cumprimento dos direitos assegurado aos estudantes hospitalizados deve ser mantido de modo integral e responsável.

Atualmente, o responsável pelo atendimento educacional na classe hospitalar é o pedagogo, que coordena e orienta as atividades com o auxílio de uma equipe de apoio, geralmente formada por estagiários da área de educação. Quando a escola envia um conteúdo determinado ao aluno hospitalizado, a equipe o orienta durante o processo de ensino-aprendizagem. A inserção do atendimento educacional hospitalar no Ensino Especial não

3. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são referência para o Ensino Fundamental e Médio garantindo o reconhecimento de temas para o exercício da cidadania.

possibilita que os professores das demais disciplinas do currículo escolar tenham acesso direto ao aluno hospitalizado. Esse processo dificulta a aprendizagem já que a orientação dada ao estudante não é específica, de acordo com a disciplina.

III. ESTUDO DE CASO: O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM CLASSE HOSPITALAR

A observação é fator primordial para o desenvolvimento de metodologias de ensino. Por meio dela, o estudo dos métodos se configura de modo a atender as especificidades dos alunos percebidas pelo docente. Segundo Fonseca (2008) “o professor deve treinar-se para observar, registrando as informações de modo crítico e consciente”. Ao se inserir no ambiente educacional hospitalar, o professor de artes visuais deve se sensibilizar quanto à realidade dos alunos.

Os estudantes internados passam por um rompimento de sua realidade para viver algo que precisam se adaptar. No processo de internação, sua rotina diária é modificada, baseada na atual condição de saúde. Para o aluno, a primeira mudança dar-se-á em seus estudos, já que ele não pode ir à escola. Desse modo, cabe ao professor a inserção do discente na classe hospitalar. É importante ressaltar que na maioria dos casos o contato com a escola de origem do aluno não é imediato, ficando a cargo do professor da classe hospitalar elaborar uma atividade que insira o estudante no meio em que se encontra⁴. O arte/educador incluído no atendimento educacional hospitalar pode fazer uso efetivo desse espaço tomando iniciativas como, por exemplo, organizar exposições dos trabalhos dos alunos. Desse modo, o docente chega a conseguir alavancar a autoestima do estudante, contribuindo com o desenvolvimento da aprendizagem no ambiente hospitalar.

Em visita às classes hospitalares do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) e do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), foram observados dois pontos principais com relação a esse tipo de atendimento educacional: a falta de conhecimento da obrigatoriedade do atendimento educacional hospitalar por parte dos alunos e seus responsáveis e a não utilização de metodologias específicas pelo pedagogo nesse ambiente. Em entrevista aos responsáveis pelos alunos hospitalizados, eles afirmaram que souberam da existência do atendimento após a internação dos estudantes. Isso mostra a pouca divulgação da classe hospitalar. As pessoas geralmente desconhecem a obrigatoriedade da continuidade ao ensino no processo de hospitalização. Segundo a pedagoga Sandra Lima, responsável pela classe hospitalar do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), alguns pais entendem o atendimento educacional hospitalar como um passatempo para o aluno. Para eles o ensino nesse espaço não é legítimo, ou seja, não é visto como uma possibilidade viável.

4. A aplicação de atividades lúdicas entre outras que não estão diretamente vinculadas ao ensino escolar também colaboram para que o aluno venha a oferecer maior abertura durante atividades diversas.

O segundo ponto observado foi o uso de metodologias de ensino no espaço educacional hospitalar em dois hospitais do Distrito Federal. Durante entrevista realizada com as pedagogas Caren Sarres, responsável pela classe hospitalar do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), Sandra Lima, professora no Hospital Regional de Taguatinga (HRT), e Adriana Arantes, que responde pela classe do Hospital Universitário de Brasília (HUB), foi constatado que a utilização de métodos variados ajuda o docente a obter a participação do aluno nas atividades propostas, mas não é possível definir uma metodologia específica na classe hospitalar.⁵ Isso acontece devido ao quadro clínico do aluno hospitalizado, interesses particulares, dentre outros fatores que interferem diretamente na vida hospitalar do estudante. É importante destacar a grande rotatividade de alunos, que impede que todos façam uma atividade que demanda maior tempo para sua conclusão. O professor precisa ter noção do período de internação do estudante para que a continuação dessas atividades não seja prejudicada, aplicando outros exercícios àqueles que permanecerão por um período menor de internação.

A diferença entre os atendimentos educacionais hospitalares observados é constatada facilmente através da utilização do espaço físico, do atendimento aos alunos considerando suas especificidades e diferentes faixas etárias e também da linha de trabalho de cada responsável pelo atendimento. A classe hospitalar do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) atende em sua maioria alunos de 0 a 12 anos, por estar inserida na pediatria do pronto socorro do hospital. O espaço físico da classe conta com mesas e cadeiras que facilitam a execução de atividades enviadas pela escola de origem do aluno ou que são desenvolvidas pela pedagoga (Figura 7). A classe possui livros e brinquedos lúdicos que facilitam o processo educativo de estudantes que necessitam ou desejam utilizar esse material (Figura 8). Possui ainda uma área externa na qual os alunos, de acordo com seu quadro clínico, podem tomar sol (Figura10).

Os métodos de ensino individualizado, socializado e sócio/individualizados, citados por Vilarinho (1985), foram utilizados com os alunos da classe hospitalar do HRAN. Quando o aluno recebe atividades da sua escola de origem, o atendimento acontece de forma individualizada, já que os demais estudantes hospitalizados não estão na mesma condição de aprendizagem. Os métodos de ensino socializado e sócio/individualizado são aplicados em

5. O Hospital Universitário de Brasília (HUB), pertence à União e por esse motivo não tem sua classe hospitalar oficializada como as demais do Distrito Federal, assim a entrevista realizada com a pedagoga Adriana Arantes, responsável pela classe hospitalar do HUB, considerou apenas a não utilização de metodologias no atendimento educacional hospitalar.

atividades lúdicas entre outras elaboradas pela pedagoga, buscando sempre a socialização e a participação do aluno.

Segundo Sandra Lima, responsável pela classe hospitalar do HRT, a arte funciona como um “instrumento acessível para o aluno hospitalizado”. A pedagoga desenvolve projetos artísticos no atendimento educacional hospitalar, integrados aos conteúdos do currículo escolar. O fechamento de cada tema estudado ocorre com um trabalho artístico utilizando técnicas variadas (Figura3). Observando as individualidades de cada estudante, Lima afirma que consegue a atenção de grande parte deles, de modo que, cada um faz a atividade sugerida de acordo com seu desenvolvimento individual e disposição devido à hospitalização. Segundo ela, “quando o aluno diz que está cansado, peço que pare o que está fazendo e retorne quando estiver disposto. Assim, pouco a pouco os objetivos são alcançados”.

Em *Pedagogia da Ternura*, Schettini Filho (2010) apresenta o docente como identificador das necessidades do estudante. Segundo ele, “cabe ao professor—e é por isso que ele é professor – manejar com destreza e humanidade as diferenças, em qualquer sentido em que elas se apresentem para que cada aluno conquiste o que representa a resultante de sua potencialidade.” (SCHETTINI FILHO, 2010, p. 19). O processo de ensino-aprendizagem no ambiente educacional hospitalar não deve ser imposto ao aluno, mas o professor deve dispor de métodos que atendam, social e individualmente, o estudante, evidenciando suas capacidades e elevando sua autoestima.

Lima revela que a classe hospitalar do HRT foi se estruturando através de parcerias estabelecidas com diversos interessados em apoiar o fortalecimento do atendimento educacional hospitalar. Muitos materiais utilizados nas atividades artísticas, por exemplo, foram doados ao hospital. Segundo Lima, o professor do atendimento educacional hospitalar, deve se predispor a ir atrás de melhorias para esse ambiente, já que em muitos casos os hospitais não possuem estrutura física e material adequado para esse espaço. No HRT, a busca por melhorias resultou em uma sala para o atendimento educacional e na revitalização do parque na área externa da pediatria (Figuras1 e 6).

O Projeto *LEGO Education* é outro exemplo do trabalho de busca da professora Sandra Lima, que encontrou um método diferenciado de ensino para os estudantes hospitalizados⁶.

6. O material do Projeto *LEGO Education* é composto por kits de LEGO e fascículos educacionais. É uma ferramenta baseada no Construtivismo, onde o aluno aprende na prática. O trabalho é desenvolvido em equipe de

As montagens das peças de LEGO acontecem com o auxílio da professora que orienta os alunos de acordo com o tema estudado. O material ajuda os alunos a se comunicarem uns com os outros, compartilhando experiências. Ao conhecer o projeto, a professora optou por implantá-lo na classe hospitalar do HRT após ganhar um kit do mesmo. Esse material é produzido pelo Grupo LEGO da Dinamarca podendo ser aplicado no currículo do Ensino Infantil ao Ensino Médio e em atividades extracurriculares (Figuras 4 e 5). No Brasil atende a poucas escolas públicas e privadas e um dos motivos, segundo Lima, é o alto valor do material. A utilização do *LEGO Educacion* desperta grande interesse por parte dos estudantes que participam das atividades propostas com esse kit, de modo que, independente das dificuldades com relação à sua saúde, insistem em fazer montagens com as peças.

Os métodos identificados no atendimento educacional hospitalar variam de acordo com diversos fatores que interferem nesse ambiente, o que não impede o pedagogo de readaptar seu planejamento. Um exemplo são as narrativas autobiográficas citadas por Vilarinho, que é um recurso importante utilizado pelas pedagogas para identificar as necessidades do aluno através de questionamentos variados sobre sua realidade. A partir do momento que o estudante não deseja participar das atividades sugeridas, como desenvolvimento de um diálogo, o professor tem a oportunidade de descobrir a causa da não participação e traçar outros métodos para alcançar as necessidades particulares do aluno.

Durante entrevista realizada com as pedagogas Caren Sarres e Sandra Lima, foram apontadas questões importantes sobre a utilização de metodologias, o que comprometeriam a qualidade do atendimento em classe hospitalar. Outros problemas identificados são a falta de conhecimento com relação à obrigatoriedade do ensino educacional hospitalar, a estrutura física e a não disponibilização de materiais necessários para o atendimento aos alunos (ver entrevista completa com as professoras Caren Sarres e Sandra Lima em anexo). Esses pontos são ignorados pelos órgãos responsáveis que não se comprometem a manter um atendimento com qualidade. As salas destinadas à classe hospitalar costumam ser pequenas, não comportando o número de alunos e os materiais educativos.

modo que cada estudante contribui de uma forma diferente. As montagens incentivam a resolução de situações-problema para que surja uma aprendizagem significativa segundo os quatro pilares para a educação estabelecidos pela UNESCO que são: aprender a fazer, a ser, a conviver e a conhecer.

CONCLUSÃO

O direito à educação deve ser garantido pelo Estado, pela família e pela comunidade em que os alunos estão inseridos. O reconhecimento de ambientes educacionais fora da escola regular demonstra a necessidade de se pensar o ensino efetivo nesses espaços. O que se configura atualmente com relação à educação hospitalar é que a família e a comunidade não têm conhecimento dos seus direitos nessa área. O atendimento educacional hospitalar não deve ser compreendido como um ambiente recreativo dentro do hospital, ao contrário, toda e qualquer atividade educacional realizada nesse espaço deve estar associada ao desenvolvimento educativo do aluno. O Estado, por outro lado, não cumpre seu dever de garantir a universalização do atendimento escolar com qualidade nos diversos níveis, etapas e modalidades do Ensino de acordo com o que está determinado pela lei. O desconhecimento da obrigatoriedade do ensino educacional no hospital pelas famílias e pelas escolas dos alunos, conseqüentemente, contribui para que esse atendimento não aconteça com a devida qualidade, afetando diretamente os estudos daqueles que se encontram hospitalizados e não podem ir à escola.

Para atuar na classe hospitalar, o professor necessita ter formação específica na área de Ensino Especial. De modo geral, o pedagogo é o profissional que atende a esse pré-requisito, tendo preferencialmente o direito de coordenar uma classe hospitalar. Desse modo, os professores formados em disciplinas específicas dificilmente têm a oportunidade de acompanhar o estudo de alunos no atendimento educacional hospitalar. Ao considerar que a partir do sexto ano escolar o aluno possui professores com formação específica em cada área de conhecimento, o estudante deveria ter esse direito mantido ao ser hospitalizado. Os professores das demais disciplinas deveriam ter acesso a esses alunos para que o processo de ensino-aprendizagem acontecesse de forma íntegra e específica, respeitando as peculiaridades de cada estudante. O pedagogo e sua equipe acompanham as atividades no atendimento educacional hospitalar, mas não apresentam o conteúdo estudado de forma específica, apenas orienta o aluno.

Os professores das demais disciplinas do currículo escolar, mesmo não atuando na classe hospitalar, precisam assumir esse espaço como um ambiente educacional que deve oferecer um ensino efetivo para que o direito à educação seja cumprido integralmente. É possível que os alunos possam dar testemunho de grandes experiências vivenciadas no

ambiente educacional hospitalar, mas para isso o Estado, a família e a comunidade precisam conhecer e reconhecer de forma efetiva esse atendimento.

Cada estudante carrega dentro de si um universo particular oculto, podendo ser revelado de acordo com as experiências possibilitadas pelo professor, que deve estar sensível às necessidades do aluno para proporcionar-lhe experiências significativas. Por meio de sua atuação no ambiente hospitalar, o docente pode contribuir para o desenvolvimento de potencialidades artísticas. As artes visuais, mesmo não sendo trabalhadas por um professor da área, adentra a classe hospitalar, reconhecendo-a como um espaço propício ao desenvolvimento de trabalhos relacionados à criatividade, que despertam o interesse dos alunos.

Ao concluir que metodologia é o estudo dos métodos adequados para se alcançar o conhecimento pretendido em determinada área de conhecimento, é preciso reconhecer as mudanças metodológicas que ocorrem nos diversos espaços educacionais. Cada ambiente depende de uma linha metodológica particular baseada no seu público alvo. Aplicando métodos específicos, o professor gera um modo independente de trabalhar com seus alunos.

As metodologias utilizadas atualmente são variadas a fim de atenderem às necessidades educacionais, culturais e experimentais dos estudantes. Os métodos tradicionais como: aula expositiva, painel, grupos de estudo, aula práticas, narrativas autobiográfica, entre outros são utilizados para uma abordagem geral da arte, a fim de se chegar aos objetivos pretendidos. Ainda que o ambiente educacional hospitalar seja diferenciado de uma sala de aula regular, métodos de ensino precisam ser definidos, já que são caminhos estabelecidos para se chegar a um determinado ponto. Desse modo, o emprego de tais métodos no ensino de artes visuais na classe hospitalar vai além do aprendizado ao buscar a participação do aluno, proporcionando-lhe experiências significativas, que vão além da obrigação em cumprir uma atividade escolar.

Ao considerar hipoteticamente que determinada classe hospitalar utiliza um sistema metodológico específico, há o risco de determinado grupo de alunos não se adequarem a esse processo. Conclui-se assim, que não se pode estabelecer metodologias de ensino no atendimento educacional hospitalar. Isso ocorre porque cada estudante possui especificidades que precisam ser consideradas para que ele participe de modo efetivo do atendimento na classe hospitalar. Esse fato, porém não impossibilita a utilização de métodos de ensino que, por sua variedade, são necessários para que o docente tenha meios de alcançar os interesses

dos alunos, considerando a intensa experiência educacional que pode ser desenvolvida, ainda que a proposta não esteja diretamente ligada ao currículo escolar.

IMAGENS



Figura 1. Classe hospitalar do Hospital Regional de Taguatinga (HRT).



Figura 2. Classe hospitalar do HRT.



Figura 3. Espaço de exposição dos trabalhos artísticos dos alunos do HRT.



Figura 4. Montagens com peças de *LEGO* feitas pelas crianças do HRT.

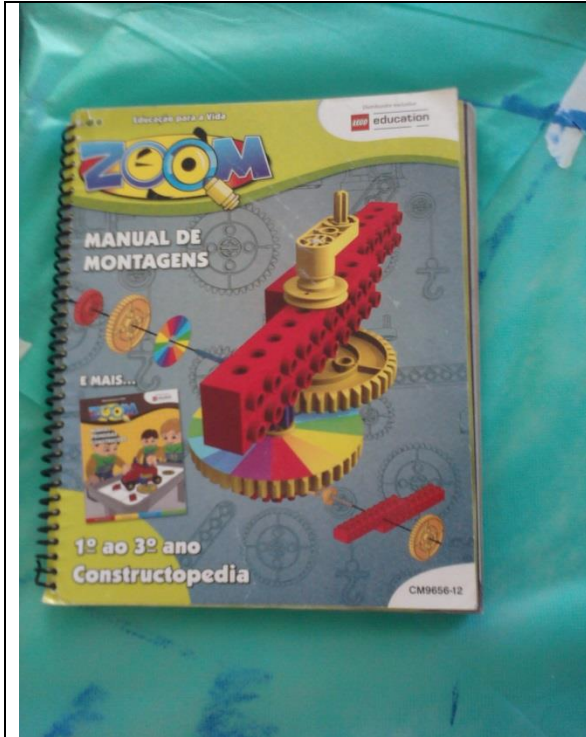


Figura 5. Manual de montagens do *LEGO Education*.



Figura 6. Área externa da classe hospitalar do HRT com parque para as crianças.

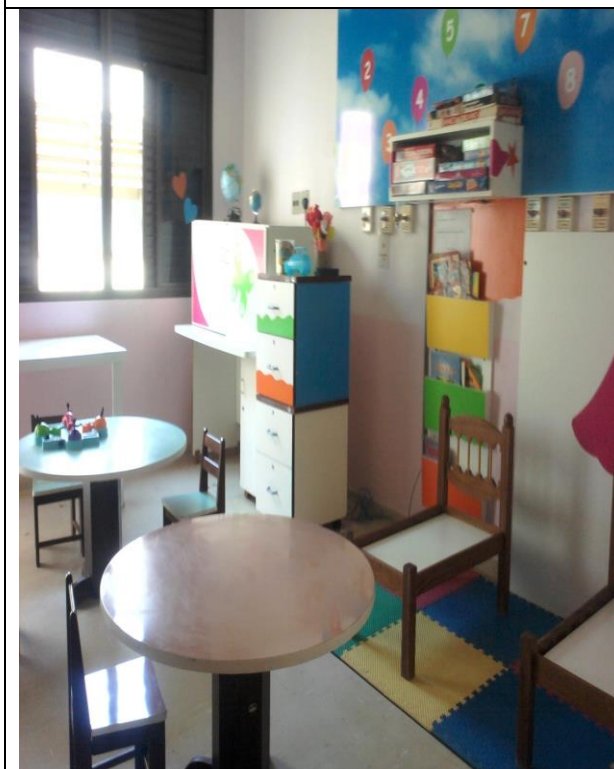


Figura 7. Classe hospitalar do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN).



Figura 8. Crianças em atividade na classe hospitalar do HRAN.



Figura 9. Atividade realizada pelos alunos da classe hospitalar do HRAN.

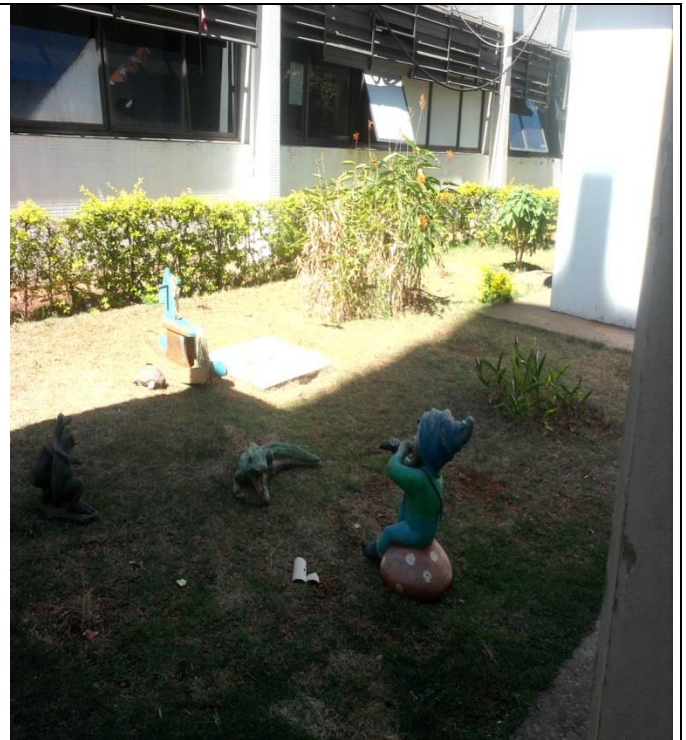


Figura 10. Área externa da classe hospitalar do HRAN.

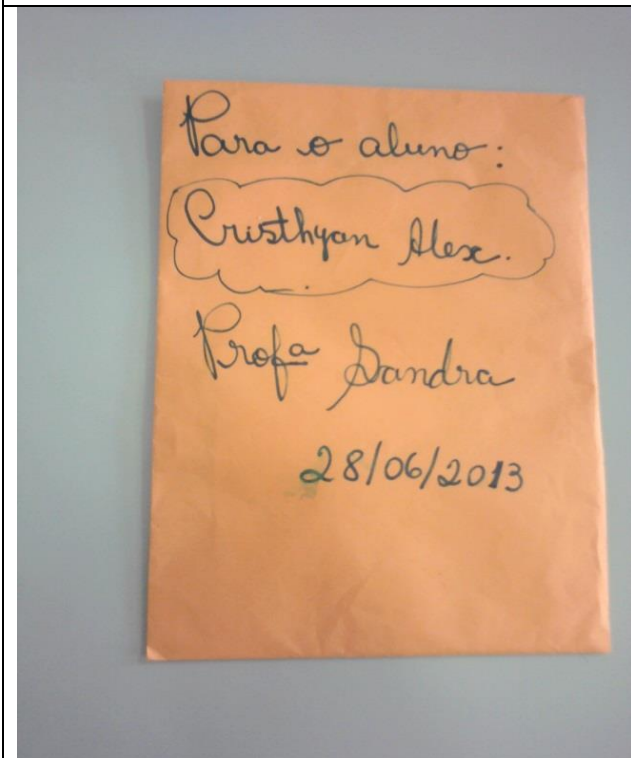


Figura 11. Atividades enviadas pela escola ao aluno do atendimento educacional hospitalar do HRAN.

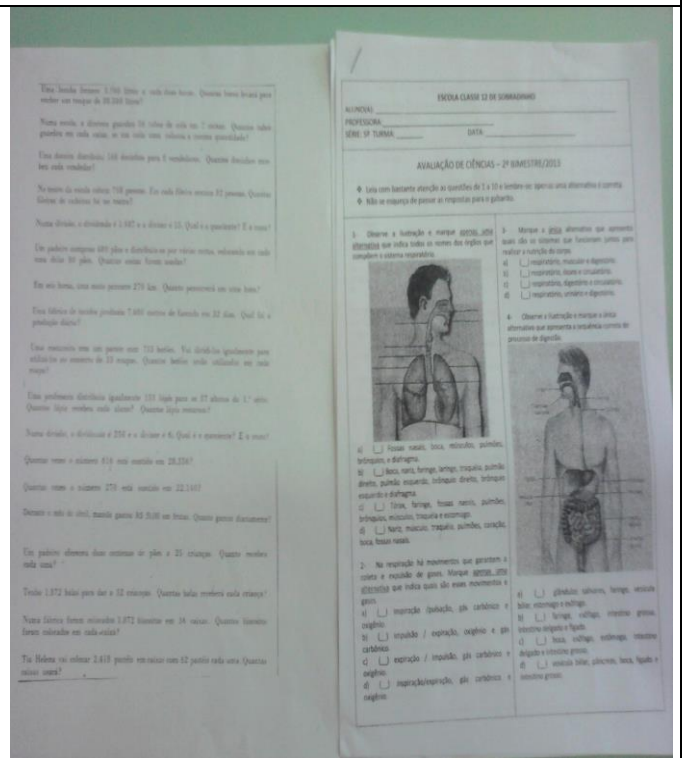


Figura 12. Avaliação enviada pela escola ao aluno hospitalizado no HRAN.

ANEXOS

Anexo 1

Entrevista realizada com a professora Caren Sarres, responsável pela classe hospitalar do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), no dia 02 de julho de 2013.

1. Qual o objetivo da classe hospitalar?

Resp. A classe hospitalar tem o objetivo de promover a continuidade do atendimento escolar do aluno para que ele não volte à escola com grande defasagem no ensino.

2. Quem é responsável por planejar e acompanhar as aulas na classe hospitalar?

Resp. O pedagogo e sua equipe se reúnem para planejar as aulas de acordo a idade e o contexto específico em que os alunos estão inseridos. Quando o estudante hospitalizado recebe atividades enviadas por sua escola de origem, ele as faz na classe hospitalar. Em alguns casos o contato com a escola não é realizado com êxito ou por algum fator específico o aluno não recebe suas atividades. Nesses casos, o professor da classe hospitalar analisa a série do aluno e os conteúdos que ele estava estudando para que seja aplicada uma atividade relacionada a esses pontos, considerando sempre os interesses e o estado clínico do estudante.

3. De que modo é estabelecido o contato entre o hospital e escola de origem do aluno?

Resp. O contato é estabelecido de várias formas. O mais comum é que o responsável pelo aluno vai à escola justificar as faltas e receber as atividades. Outro meio é a ligação feita à escola pelo professor da classe hospitalar, solicitando o envio das atividades ou o conteúdo que o aluno estava estudando.

4. Qual o acompanhamento dado ao aluno que não está matriculado em uma escola ou quando a mesma não estabelece uma parceria com o hospital?

Resp. O pedagogo fica responsável por aplicar uma atividade que corresponda à série e aos conteúdos estudados pelo aluno. Quando o estudante da classe hospitalar não está matriculado em uma escola, o pedagogo orienta os responsáveis a matriculá-lo.

5. Quais meios são utilizados pela escola para enviar atividades ao aluno hospitalizado? Como acontece a avaliação dessas atividades?

Resp. Geralmente o responsável ou familiar do aluno vai à escola pegar as atividades e as leva ao estudante hospitalizado. Depois de estarem respondidas, as mesmas são levadas de volta à escola de origem, que faz as correções necessárias.

6. As escolas enviam provas para serem feitas durante o atendimento educacional hospitalar?

Resp. Em alguns casos provas são enviadas, tendo sua aplicação acompanhada e orientada pela equipe ou pelo professor da classe hospitalar.

7. O aluno hospitalizado tem suas especificidades em relação à saúde e às áreas de interesse de estudo. Essas características dificultam o planejamento e a organização de atividades na classe hospitalar?

Resp. É preciso atenção com relação aos interesses e o quadro clínico do estudante. Observar os alunos que serão atendidos, facilita o planejamento da aula. Essa observação prévia pode acontecer, por exemplo, com o acompanhamento do aluno em atividades lúdicas e em jogos na classe hospitalar.

8. Como são definidas as metodologias para que atendam as singularidades de cada aluno em meio a um grupo com idade, série e áreas de interesses diferenciados?

Resp. No atendimento educacional hospitalar é impossível fazer o uso de metodologias específicas. Cada aluno possui características próprias que precisam ser respeitadas. O professor deve observar o aluno e identificar pontos de interesse que podem ser trabalhados junto aos outros estudantes ou separadamente.

9. Existe uma especialização específica para o professor atuar em classe hospitalar?

Resp. De modo geral o professor de classe hospitalar tem formação acadêmica em pedagogia com diversas especializações na área do Ensino Especial.

Anexo 2

Entrevista realizada com a professora Sandra Lima, responsável pela classe hospitalar do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), no dia 05 de julho de 2013.

1. Qual o objetivo da classe hospitalar?

Resp. A classe hospitalar tem a função de contribuir com a continuação dos estudos do aluno hospitalizado. Esse acompanhamento pode evitar a reprovação ou maiores dificuldades do estudante com os conteúdos no seu retorno à escola.

2. Quem é responsável por planejar e acompanhar as aulas na classe hospitalar?

Resp. O professor do atendimento educacional hospitalar tem a função de acompanhar os alunos em suas atividades, orientando-os quando necessário. Os estudantes que não recebem atividades de suas escolas de origem durante o período de hospitalização fazem atividades elaboradas pelo professor da classe hospitalar.

3. De que modo é estabelecido o contato entre o hospital e escola de origem do aluno?

Os professores da classe hospitalar possuem uma lista com os endereços e telefones das escolas do Distrito Federal para entrar em contato, caso algum aluno das mesmas venha a ser hospitalizado. Na maior parte dos casos, os responsáveis ou parentes dos estudantes hospitalizados vão à escola pegar as atividades a serem realizadas na classe hospitalar.

4. Qual o acompanhamento dado ao aluno que não está matriculado em uma escola ou quando a mesma não estabelece uma parceria com o hospital?

Resp. Se o aluno não estiver matriculado, o professor deve alertar o responsável sobre sua condição. Aqueles estudantes, cujas escolas não dão um retorno com relação às atividades, o professor da classe se responsabiliza em inserir esse estudante no atendimento educacional hospitalar, observando seus interesses e necessidades de acordo com sua idade, série escolar e conteúdos que estavam sendo estudados na escola de origem.

5. Quais meios são utilizados pela escola para enviar atividades ao aluno hospitalizado? Como acontece a avaliação dessas atividades?

Resp. As atividades são levadas aos alunos pelos seus responsáveis. Após sua conclusão, são devolvidas à escola para serem avaliadas.

6. As escolas enviam provas para serem feitas durante o atendimento educacional hospitalar?

Resp. As escolas enviam provas que são aplicadas pelo professor da classe hospitalar.

7. O aluno hospitalizado tem suas especificidades em relação à saúde e às áreas de interesse de estudo. Essas características dificultam o planejamento e organização de atividades na classe hospitalar?

Resp. Não é simples organizar o atendimento na classe hospitalar pela diferença entre interesses, faixas etárias e quadro clínico de cada aluno. Dependendo do dia, todo o planejamento deve ser mudado porque os estudantes não desejam ou não conseguem realizar a atividade estabelecida para aquele momento.

8. Como são definidas as metodologias para que atendam as singularidades de cada aluno em meio a um grupo com idade, série e áreas de interesses diferenciados?

Resp. Os métodos aplicados em uma classe hospitalar são os mais variados possíveis, entretanto o professor não tem como estabelecer metodologias específicas, já que nesse espaço elas são inexistentes. Cada característica do aluno precisa ser levada em consideração, impedindo o professor de aplicar o mesmo método a todos os estudantes já que um aluno nunca é igual ao outro.

9. Existe uma especialização específica para o professor atuar em classe hospitalar?

Resp. Os professores de classe hospitalar geralmente são pedagogos, com especializações no Ensino Especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução: Ivone Castilho Benedeti. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AROSA, Armando C.; SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *Quando a escola é no hospital*. Niterói: Intertexto, 2008.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Imprensa Oficial; 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações*./Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em 19 de maio de 2013.

DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. 4. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FERRAZ, Maria Heloísa Côrrea de Toledo. *Arte na Educação Escolar*. Maria Heloísa Côrrea de Toledo Ferraz e Maria Filisminda de Rezende e Fusari. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, Aurora. *Arte, escola e inclusão: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FONSECA, Eneida Simões da. *Atendimento escolar no ambiente hospitalar*. 2. Ed. São Paulo: Memnon, 2008.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MAGALHÃES, Marcos Vinícius Silva. *Arte/educação em hospital: uma reflexão sobre as estratégias de ensino das artes visuais na classe hospitalar*. 2012. 37 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Plásticas) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PILLAR, Analice e VIEIRA, Denyse. *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul: Fundação Iochpe, 1992.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHETTINI FILHO, Luiz. *Pedagogia da ternura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SELBACH, Simone et al. *Arte e Didática*. Petrópolis, Rj. Ed. Vozes, 2010. – (Coleção Como Bem Ensinar/ coordenação Celso Antunes).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *Metodologias para ensino e aprendizagem de arte*. Rede São Paulo de Formação Docente: Cursos de especialização para o quadro do magistério da Secretaria Estadual da Educação de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf>. Acesso em 27 de maio de 2013.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. *Didática: Temas Seleccionados*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.